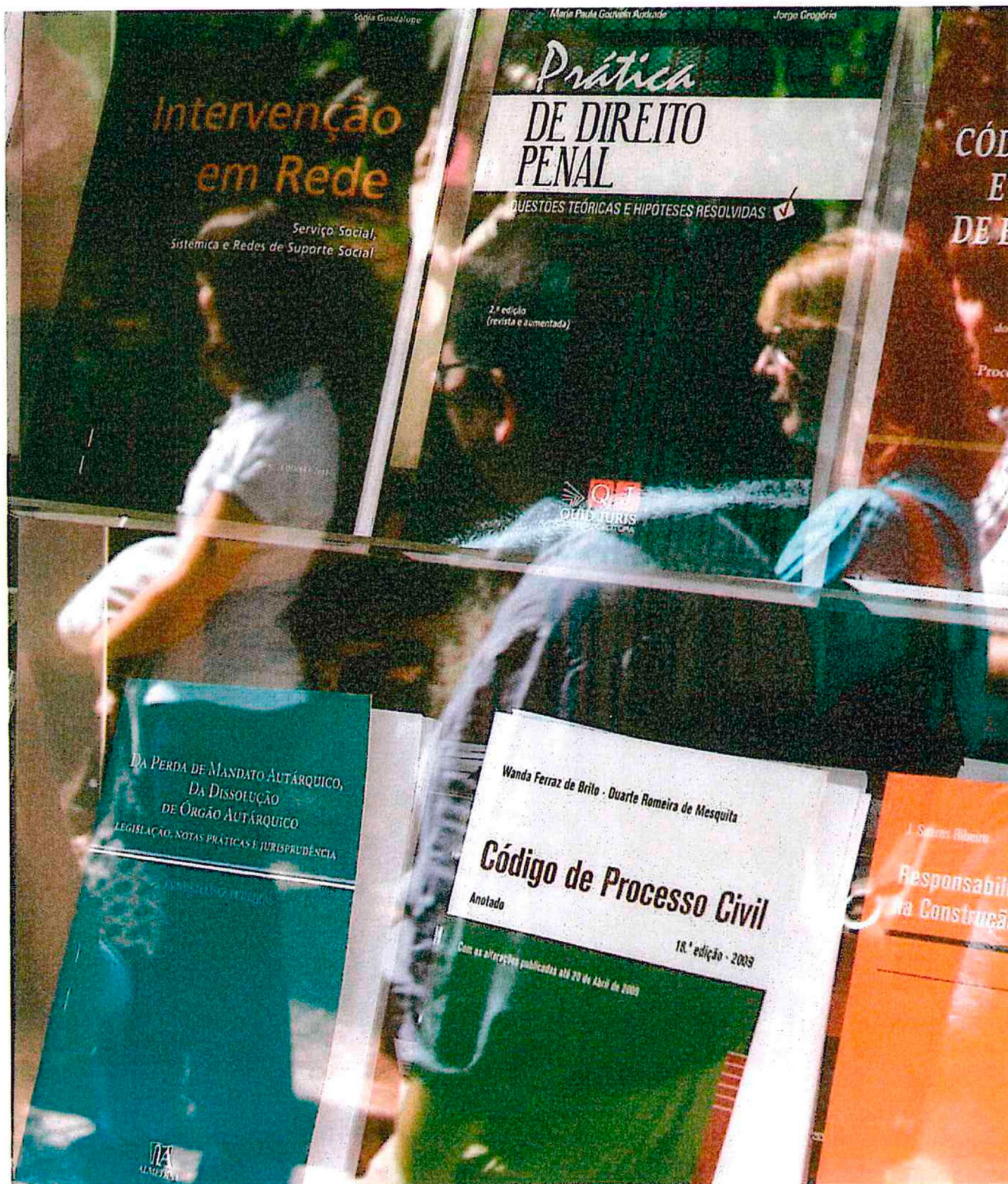




QUATROADVOGADOS





QUATRO DÉCADAS

Conheceram diferentes realidades mas hoje vivem os mesmos desafios


A falta de saídas profissionais e o excesso de cursos de direito é uma preocupação comum a estes quatro advogados, apesar da diferença de idades e experiências. Um problema de massificação que afecta a profissão e que promete dificuldades acrescidas para a advocacia. "A massificação pode matar a essência da advocacia que é uma relação individual, baseada na confiança entre advogado e cliente", alerta Nuno Morais Sarmento.

É

correcto dizer-se que ser advogado actualmente já não é o que era. Muito mudou nas últimas quatro décadas, especialmente após o 25 de Abril. Da prática individual para as grandes sociedades com presença internacional, do domínio das diferentes áreas do direito à especialização, da barra do tribunal para os acordos extra judiciais, tudo (ou quase) é hoje diferente. O País evoluiu, a economia modificou-se e novas exigências ditaram a necessidade de criar uma prática integrada, em equipas multidisciplinares e especializadas, para dar resposta a clientes cada vez mais exigentes.

As sociedades de advogados são hoje "fontes de formação para jovens advogados, trazem maior segurança às suas carreiras e potenciam a partilha de experiências de conhecimento, o que tem permitido evoluir a prática", salienta Francisco Proença de Carvalho.

Alguns advogados acreditam que estas mudanças trouxeram consigo mais profissionalismo e maior qualidade no serviço prestado, outros, como Manuel Magalhães e Silva, que o excesso de concentração se traduz em 'fábricas de advocacia', "com níveis apreciáveis de desumanização, incluindo a da relação cliente/advogado, e uma gestão do desempenho fundada exclusivamente no lucro".

Mas, a verdade é que "ser advogado - trabalhar com o Direito, afirmar valores, defender interesses, participar na concepção e na execução de um negócio ou de um projecto empresarial, contribuir para a resolução de uma disputa - é um desafio aliciante, em qualquer altura e em qualquer contexto social e económico", lembra Paulo Pinheiro. Opinião partilhada por Nuno Morais Sarmento que acrescenta: "na advocacia, mais ainda do que na medicina, a pressa dos tempos e a modernidade dos dias não alteram, nem desqualificam, a relação única e irrepetível com cada cliente, que é afinal o compromisso com a individualidade do ser humano, com a sua identidade e dignidade, a que também chamamos direitos fundamentais, de todos e de cada um". "A figura do advogado de causas, do advogado de missão, do advogado 'com alma', não desapareceu, nem desaparecerá, seja em prática individual, seja em prática societária. Esse advogado será sempre necessário para a defesa das pessoas e da sua dignidade", conclui Francisco Proença de Carvalho. 



APRESENTAÇÃO

QUEM É QUEM SOCIEDADES PORTUGUESAS DE ADVOGADOS



FOTO Paulo Alexandre Coelho

FRANCISCO PROENÇA DE CARVALHO

31

associado principal da Uría Menéndez - Proença de Carvalho

“Chegar à profissão
é um desafio”

Começou a trabalhar há oito anos e encontrou um mercado “cada vez mais competitivo e com uma crescente ‘proletarização’”. Teve que lidar com o desafio “de ajudar a institucionalizar um pequeno escritório muito assente na imagem do pai, Daniel Proença de Carvalho, que “pudesse subsistir além do seu fundador”. Hoje sente-se satisfeito com o resultado do trabalho e em nada mudaria o caminho que trilhou até agora. “Seria difícil e até injusto querer mudar alguma coisa no meu percurso”. Sobre a profissão, acredita que é hoje mais fácil exercer advocacia devido aos desenvolvimentos tecnológicos que fomentam o acesso e a partilha de informação jurídica. Contudo, o grande desafio é conseguir, de facto, exercer. “Os novos advogados têm que ser muito mais pacientes, flexíveis e criativos no seu percurso profissional”. Aliás, acrescenta, “tendo em conta os entraves que a Ordem dos Advogados coloca aos licenciados, alcançar uma cédula profissional é cada vez mais uma prova de esforço e resistência”.

Quanto ao futuro, Francisco encara-o com optimismo mas, como refere, “o grande desafio é o de tentar atravessar a crise em Portugal sem uma degradação da qualidade dos serviços jurídicos prestados pelas sociedades, do estatuto da advocacia e da carreira de advogado”.

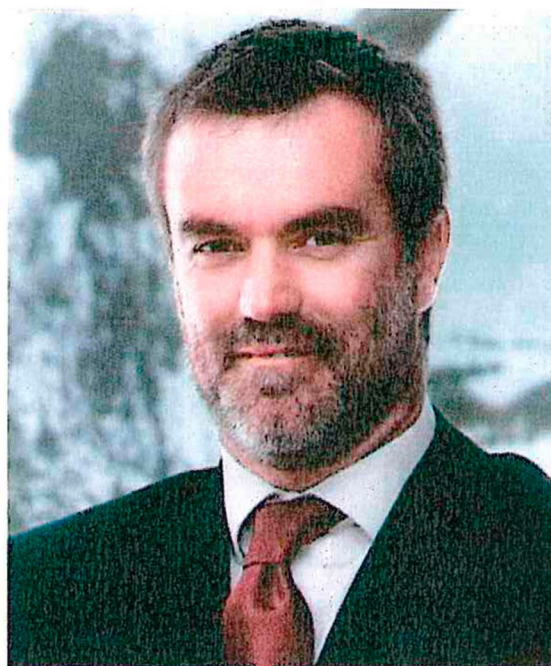


FOTO Paulo Alexandre Coelho

PAULO PINHEIRO

46

sócio da Vieira de Almeida & Associados

“Comecei na altura
das vacas gordas”

Entrou na advocacia após a integração europeia. Decorria a década de oitenta, “o tempo das vacas gordas”. Na época, o desafio era claro: “Aprender depressa a sair de uma advocacia tradicional para modelos de assessoria muito mais sofisticados e exigentes”.

Paulo Pinheiro recorda que a economia portuguesa viveu nessa altura um enorme ‘choque térmico’, com a instalação de multinacionais e o crescimento rápido de muitos grupos portugueses, com os elevados montantes de fundos comunitários a acelerar a economia e a financiar os mais variados projectos de infra-estruturas. “Tudo isto exigia uma advocacia diferente, mais moderna, mais próxima do cliente e dos seus projectos”. A relação com os clientes e com os colegas era muito diferente e a especialização, “para quem podia dar-se ao luxo de a ter..., era muito menos intensa. Fazíamos quase tudo, tínhamos uma visão bem mais abrangente do Direito aplicado”. Hoje entrar na profissão é muito mais complicado do que há cinco ou dez anos atrás “porque o crescimento das firmas não é, nem vai ser nos próximos anos, comparável”. O sector tornou-se mais competitivo. “Mas há sempre lugar para quem tenha uma boa preparação de base e, sobretudo, para quem, a crescer a isso, tenha um qualquer factor de diferenciação”.

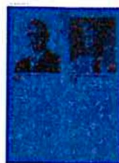


FOTO Paulo Alexandre Coelho

NUNO MORAIS SARMENTO

50

sócio da PLMJ

“A advocacia profissionalizou-se”

Nuno Morais Sarmiento olha para trás com a sensação de ter feito ou de, pelo menos, ter contribuído para fazer justiça. Esta era, aliás, a palavra de ordem na advocacia quando entrou. Hoje “a palavra é Profissão”. O que mudou entretanto foi a própria actividade que, segundo ele, se profissionalizou. “Do trabalho individual passámos, tantas vezes, a um trabalho de conjunto. Do saber acumulado, de experiência feito, passámos ao catálogo das especializações, das competências adquiridas e não construídas”. Mas, ao mesmo tempo, a advocacia hoje respira mais com vida. “Deixou de ser um Olimpo distante, por vezes reservado e sobranceiro, misturou-se com o mundo, é mais de todos”, acrescenta. Mudanças que trazem de bom quase a mesma dose que de menos positivo. O acesso à profissão é mais democratizado mas há muito por fazer no que se refere à entrada na Ordem, por exemplo. “Não concordo com a forma, por vezes grotesca, que tem revestido algumas mudanças, mas acompanho todos os esforços para que o acesso à ordem não seja um passo automático, garantido por qualquer licenciatura em direito”, salienta. Mais do que uma licenciatura, a advocacia exige competências individuais específicas. “Competências que se transformam numa consciência, que só a vida prática depois da Universidade, permite”.



FOTO Paulo Figueiredo

MANUEL MAGALHÃES E SILVA

67

sócio da Jardim, Sampalo, Magalhães e Silva e Associados

“Qualidade de desempenho e ética tendem a diminuir”

É do tempo em que um “advogado em prática individual podia ir fazendo a sua clientela” e em que a relação entre colegas decorria “sem crispções”. É advogado há 39 anos e recorda até as tertúlias que chegavam a acontecer em alguns tribunais e que reuniam todas as profissões forenses. Tudo num ambiente menos competitivo do que o actual. As grandes dificuldades eram, essencialmente, operacionais. “Não havia máquinas de escrever eléctricas e muito menos computadores. O fax demoraria mais de 15 anos a aparecer e a vulgarizar-se”. “Com papel selado e máquinas sem corretor, pode imaginar-se por que agruras se passava...”. Hoje é tudo mais simples, à excepção do acesso à profissão. “A inércia da Ordem na promoção junto do legislador de medidas que disciplinem o acesso à profissão impedem, salvo casos raros, que haja espaço para a advocacia em prática individual”. Também, por isso, e se voltasse atrás, admite que “teria partido mais cedo para a advocacia em sociedade”. Com os mais novos na profissão admite “conviver” de forma pacífica apesar de, por vezes, existir “uma cultura do imediato, que pode perturbar o clima de convivência”. Apesar disso, acredita que as gerações mais velhas têm estado atentas às práticas e aos desafios dos tempos novos, o que “facilita a convivência de paradigmas”.